

15 de Setembro de 1999

Assim está começando, sem título e sem destino certo, a não ser que Oufi, necessariamente, vai vir morar em Porto Alegre. Novo acréscimo: os nomes ainda são provisórios. Estou meio confuso quando à origem de alguns deles, se iorubanos ou de Benin. Olorodê é a grande dúvida. Creio que é iorubano.. Vou tentar continuar a história assim mesmo e adiante vejo o que faço.

Parte um

Quatro paredes de madeira. E era um castelo. A fortificação onde quatro amigos, que um dia o destino viria a irremediavelmente separá-los, protegiam, de forma inexpugnável, seu mundo de fantasia daquele de seus mais velhos. Olorodê, o líder, fora autor da idéia e construtor-chefe do fortim. Kpadonu, mais novo um pouco que Olorodê, era seu pupilo. Imitava o mentor em tudo que aquele fazia. Kotou, brincalhão, alma aberta, vidente, seus olhos perscrutavam o insondável para seus pequenos companheiros, e suas mãos tinham a incontrolável habilidade de gerar vida. Riscava paredes e imagens se impulsionavam em movimento. Empunhava um canivete e ao agredir nacos de madeira, fazia deles surgir pessoas, animais e coisas. Torcia o ferro e lá estava mais do que uma espada, uma arma, alí se materializava um ser — uma cabeça, um torço animal, um pequeno sacrário. E Oufi, predileto de Manakita, a sacerdotisa, mas sobretudo, o irmão mais velho de Olorodê, e por uma razão de sucessão nobiliárquica, o futuro rei de Benin. O fato é que, naquele momento — todos jovens, se preparando para o ritual de iniciação, quando se iriam transformar de adolescentes em homens — não atentavam para a questão política maior, preocupação da entourage real, da iminente dominação da Inglaterra por sobre o seu país — o império de Benin. O fato político que se avizinhava iria atingir, em cheio o mundo de Oufi, imensamente mais do que aos demais.

A razão de ser do castelo, naturalmente, era reproduzir uma constante na vida de seu povo: a guerra. Lutavam por hegemonia geopolítica, e aquisição ou manutenção de mercado. Geravam guerras para a conquista de escravos, trocados estes por armas, mantimentos e confortos da realeza. Além do mais, disputavam diferenças atávicas.

Outrora, em verdade uns poucos anos antes, brincavam de cavalaria. Improvisados galhos de árvores, que recebiam numa extremidade, o talento artístico de Kotou, transformavam-se em garbosos animais, que eram gineteados, freneticamente, quando em batalha; ou elegantemente, com o ritmo natural de seus corpos africanos, simulando alguma parada real. Agora os cavalos eram vistos com outros olhos. Eram músculos, articulações que se dobravam dando plasticidade àquela obra prima do reino animal. Eram dentes, que as vezes moridma quem os perturbava, mas que, comumente, constituíam-se em ante-porta, aberta, para algo doce ou vegetal, servido por uma mão amiga. Os cavalos da estribaria real eram árabes, de origem. Fruto de um intrincado comércio, que envolvia mouros da península Ibérica, traficantes de escravos e compradores destes, especialmente no Brasil. Benin, com seu vizinho Oió e suas hordas de cavalaria, eram o terror de seus vizinhos, como os povos do Daomé e outros pequenos reinos vizinhos, que tinham de se valer da infantaria, pois viviam em terras baixas, infestadas pela mosca do sono — tsé-tsé. Os cavalos, aí, eram presas fáceis dessas moscas mortais.

Assim, se não estivessem no forte, reclusos de certo modo, impedidos de brincar com outros meninos de mesma idade, mas plebeus, podiam ser vistos próximos aos cavalos. Oufi já sabia que, passado o ritual de iniciação, iria ganhar de seu pai um imponente cavalo.

Brincava, em verdade, com seus amigos, apontando aleatoriamente qual haveria de ser sua montaria. Pensava, com certa inquietude, quando enfrentaria o jogo de perder e ganhar: perder a fimose, ganhar um cavalo, e aspirar por sua primeira virgem — exatamente nesta ordem de importância.

Os cavalos, seu odor característico, sua sociabilidade, sua capacidade de fazer os bípedes deslocarem-se a velocidades além de suas limitadas pernas, eram deuses no imaginário de Oufi. Deuses como aqueles que Manikita ensinara-o a respeitar. Era, assim, destino, registro sagrado no livro de ocorrências da vida daquele menino-real, no futuro expatriado nobre, o amor pelos eqüinos, mormente os elegantes, fortes e garbosos árabes, e uma força imanente que o levaria a ajudar seus semelhantes e por eles ser admirado, mesmo muito tempo após haver partido definitivamente de volta para sua África.

Olorodê queria ser o rei. Era o segundo na linha sucessória. Mas, que importa!, queria ser o rei. Afinal, quem construía o forte, externando com isto, assim inconscientemente elaborava, sua capacidade de defender o reino contra os inimigos daoemanos, adreanos e tantos outros? Quem era admirado e cortejado pelo general comandante da cavalaria? E quem tinha gosto pela guerra? Olorodê queria ser o rei, em verdade, tinha mais inclinação, mesmo, que seu irmão mais velho para as coisas de Estado. Uma que outra vez insinuou essa sua inclinação para Oufi, sem que este demonstrasse qualquer tipo de reação adversa. Como eram insinuações, talvez este não as entendesse, tal o seu alheamento às intrigas naturais de cortes reais, e a inata convicção de que vir a ser o rei de Benin era questão de tempo. Havia sido treinado desde o berço para isto.